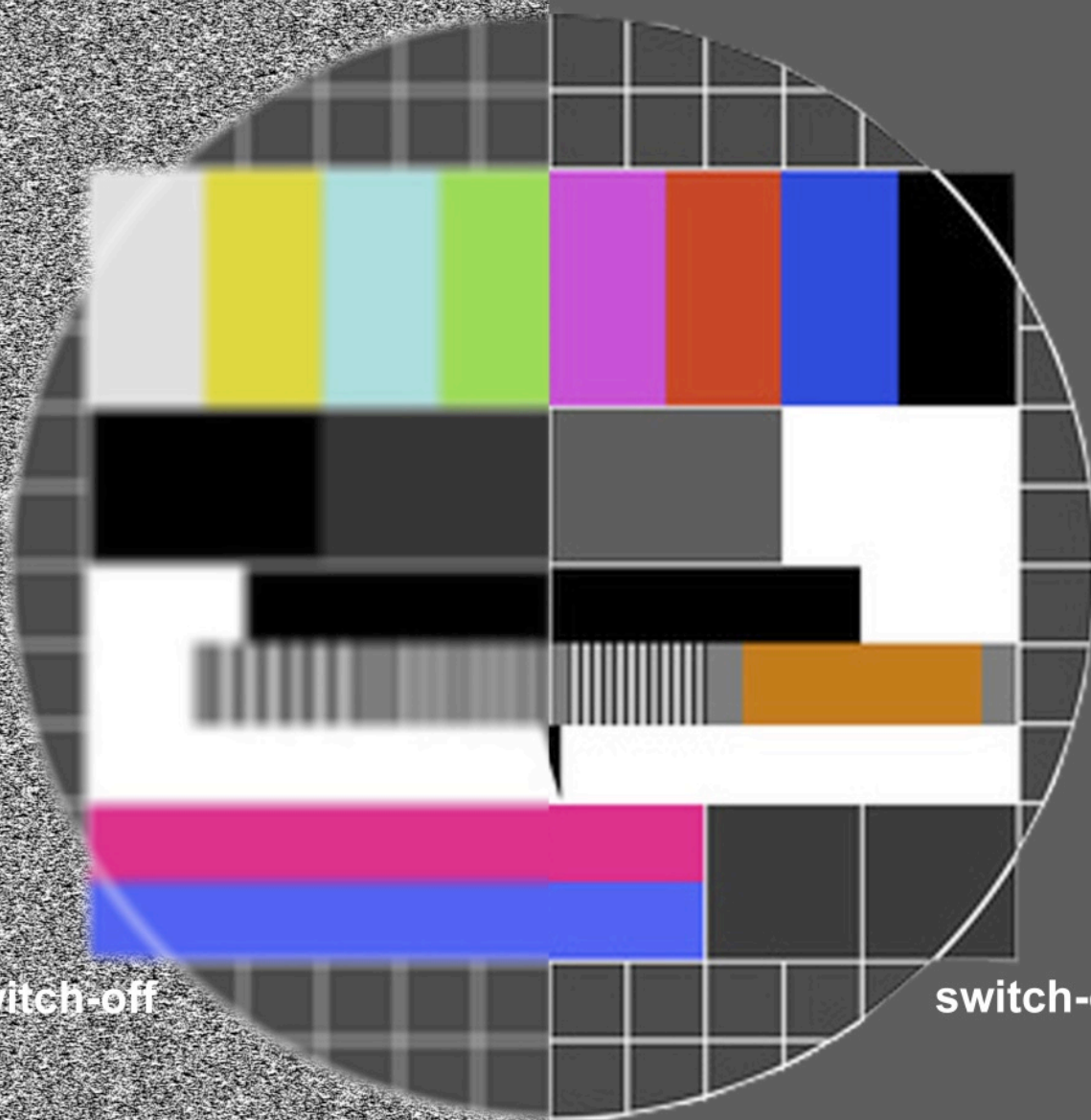


Televisão Digital Terrestre



Caracterização do acesso e percepções
sobre termos tecnológicos associados à
TDT

Índice

Nota Introdutória	4
Sumário Executivo	6
Percepções sobre a TDT em Portugal	11
O acesso de televisão em Portugal	17
Metodologia	27
Bibliografia	30
Ficha Técnica	31

Índice de Figuras

Figura 1. Tipo de acesso de televisão em Portugal, em 2011 (Dados preliminares) ...	6
Figura 2: "O que pretende fazer tendo em conta o switch-off?, em Portugal, em 2011	9
Figura 3: "Tenciona manter as condições contratuais que mantém com o seu operador de televisão paga, tendo em conta o switch-off?" em Portugal, em 2011 ..	10
Figura 4: "Já ouviu falar de..." comparação 2008 / 2010.....	11
Figura 5: "Já ouviu falar de..." em 2010, por género	12
Figura 6: "Já ouviu falar de..." em 2010, por escalão etário	13
Figura 7: "Já ouviu falar de..." em 2010, por escalão etário	14
Figura 8: "Já ouviu falar de..." em 2010, por região	15
Figura 9: Tipo de acesso de televisão em Portugal, comparação 2008 / 2010.....	17
Figura 10: Quota de mercado dos principais operadores de televisão, comparação 2008 / 2010.....	18
Figura 11: Tipo de serviço de televisão pago em 2010	19
Figura 12: Tipo de acesso de televisão em Portugal, em 2010, por género	20
Figura 13: Operador de televisão pago em Portugal, em 2010, por género	21
Figura 14: Tipo de acesso de televisão em Portugal, em 2010, por escalão etário ...	21
Figura 15: Operador de televisão pago em Portugal, em 2010, por escalão etário ...	22
Figura 16: Tipo de acesso de Televisão em Portugal, em 2010, por grau de escolaridade	23
Figura 17: Operador de Televisão pago em Portugal, em 2010, por grau de escolaridade	24
Figura 18: Tipo de acesso de televisão em Portugal, em 2010, por região	25
Figura 19: Operador de televisão pago em Portugal, em 2010, por região	26

Nota Introdutória

O relatório *A Televisão Digital Terrestre em Portugal - Caracterização do Acesso* é o primeiro de uma série de relatórios a publicar pelo OberCom - Observatório da Comunicação, numa altura em que a televisão em Portugal enfrenta significativos desafios de mudança.

Se a discussão em torno da reestruturação do serviço público de televisão evoca reflexões sobre novos paradigmas, há que também centrar a nossa atenção sobre uma importante mudança, em termos de hardware televisivo, que irá ter efeitos visíveis na forma como os portugueses vêm televisão.

A mudança designa-se por *switchover*, termo que compreende o fim do sinal analógico de televisão e a mudança progressiva dos parâmetros de receção para o sinal digital, já activo há alguns meses, sendo o sinal analógico definitivamente desligado a partir de Janeiro de 2012.

A Televisão Digital Terrestre (TDT) comporta uma generalização de uma série de recursos tecnológicos que, em termos de experiência televisiva para o espectador, poderá melhorar significativamente a visualização. Veja-se, a título de exemplo, que o sinal de TDT possibilita desde logo condições para a visualização de televisão em Alta Definição (HD).

O *switchover* é, no entanto, um processo muito mais complexo, quer pela necessidade de esclarecimento da população face a conceitos tecnológicos que a maioria das pessoas não domina, quer pela complexidade da definição de padrões de mudança, as dinâmicas económicas entre o que é a televisão gratuita e os diferentes serviços de televisão paga, disponibilizados por diversos operadores de televisão em competição permanente por shares de mercado.

É de sublinhar, também, a importância dos relatórios *A Televisão Digital em Portugal* para o OberCom, na medida em que resultam do projecto ADOPT-DTV¹, uma parceria entre o Observatório, a Universidade Lusófona e ANACOM, com financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Neste relatório será igualmente utilizado como referência o estudo "TDT e o Serviço de televisão por subscrição" realizado em Agosto de 2011 pela GfK e o novo inquérito do OberCom datado de Dezembro de 2011.

Numa primeira parte do relatório dar-se-á conta das *Percepções sobre a TDT em Portugal*, ao nível do conhecimento que os portugueses têm sobre a nomenclatura associada ao processo de mudança para o sinal de Televisão Digital Terrestre. Numa

¹ Mais informações sobre o projecto em <http://www.adoptdtv.ulusofona.pt>.

segunda parte (*O acesso de televisão em Portugal*) será feita uma caracterização da forma como os portugueses acedem à televisão, tendo em conta o género, idade, grau de escolaridade e região, bem como uma análise das transformações do acesso entre 2008 e 2011, sendo os dados actualizados para Dezembro de 2011.

No Sumário Executivo, com que se inicia este relatório, condensar-se-ão as principais conclusões, nomeadamente uma análise sobre a mudança na situação das percepções no período designado, comparação que irá ser explorada ao longo de todo o documento.²

² Nota: dada a preliminaridade dos dados obtidos no âmbito do inquérito A Sociedade em Rede 2011 (Dezembro de 2011), ainda em fase de validação da base de dados, não é tecnicamente possível utilizar essa fonte para as complementar as comparações realizadas neste relatório, tendo sido apenas produzidos os gráficos constantes do Sumário Executivo (Figuras 1, 2 e 3). A informação constante deste relatório, no capítulo designado *O acesso de televisão em Portugal*, é complementada, quando possível, com dados produzidos pela empresa GFK Metris.

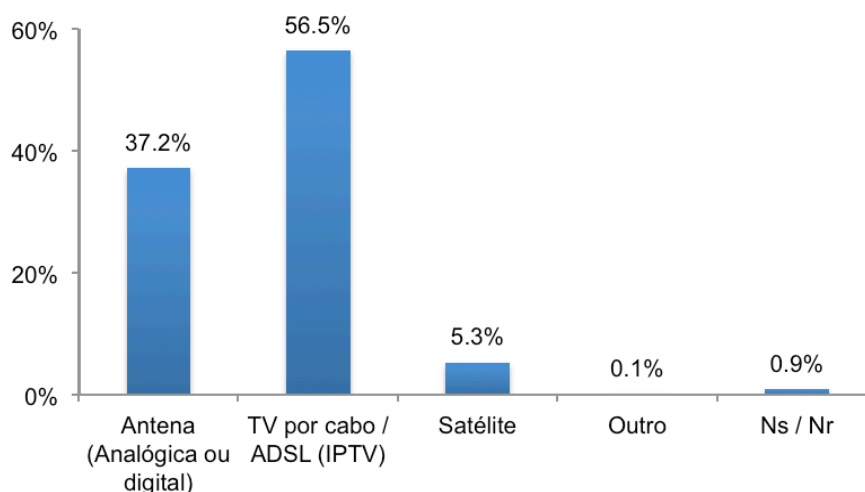
Sumário Executivo

Portugal está a conduzir, em termos de implementação técnica da Televisão Digital Terrestre, um dos mais rápidos processos de transição do sinal analógico para o digital da Europa.

Essa implementação, estruturada para decorrer entre 2010 e 2012³, foi francamente mais rápida que a ocorrida, por exemplo, na Bélgica, onde demorou oito anos (2003-2011) ou no Reino Unido, onde o switchover teve início em 1998 e deverá estar concluído em 2012.

De acordo com dados preliminares do Observatório, referentes a Dezembro de 2011, Portugal é um país em processo de significativa transformação do acesso à televisão (Cf. Figura 1).

Figura 1. Tipo de acesso de televisão em Portugal, em 2011 (Dados preliminares)



Fonte: Inquérito A Sociedade em Rede 2011 (n= 1249)

A antena analógica ou adaptada para recepção TDT subsiste como um formato de acesso com elevado peso percentual na população portuguesa (37,2% dos inquiridos) mas é, pela primeira vez na história dos projectos de inquirição nacional do OberCom,

³ O switchoff do sinal analógico irá decorrer progressivamente, a partir de inícios de 2012: numa primeira fase, haverá uma "cessação dos emissores e retransmissores que asseguram sensivelmente a cobertura da faixa litoral do território continental"; uma segunda fase consistirá no alargamento do mesmo processo às Regiões autónomas dos Açores e da Madeira e, por fim, no dia 26 de Abril de 2012, na totalidade do território nacional (Informação retirada de www.anacom.pt).

ultrapassado pela ligação por cabo ou ADSL (IPTV), que congrega 56,5%% dos inquiridos. A recepção por satélite é possuída por 5,3% dos inquiridos.⁴

A rapidez notória do processo de mudança do sinal analógico para o digital terrestre em Portugal comporta algumas desvantagens, na medida em que o curto prazo de dois anos implicaria a existência de um aparelho de comunicação massivo – algo que esteve ausente durante a maior parte do processo - por forma a possibilitar a correcta e integral informação da população acerca da mudança, no campo da tecnologia em si, sua operabilidade, e no campo simbólico, no sentido da sensibilização das pessoas para a importância da mudança em si⁵.

De acordo com os dados coligidos neste relatório verifica-se, efectivamente, que a ligação por Antena analógica era ainda muito comum em Portugal em 2010 (47,8% das ligações de acordo com o inquérito Sociedade em Rede 2010), pelo que um grande número de indivíduos será directamente afectado por esta mudança tecnológica. Paralelamente a esta característica, Portugal é, também, um país ligado por Cabo (42,8% das ligações), factor que privilegiou a construção de um mercado de serviços pagos de televisão muito competitivo, mercado esse essencialmente dominado, em 2010, pela Zon (56,8% das ligações pagas) e pela Meo PT (26,5%).

Sobre o conhecimento relativo de termos relacionados com o switchover para o sinal analógico, a comparação das mesmas perguntas, colocadas a amostras representativas, em 2008 e 2010, houve um aumento das percentagens de indivíduos que já estavam potencialmente familiarizados com os termos necessários para compreender em que consiste a mudança. Verifica-se que houve um aumento percentual significativo do conhecimento em todos os termos. No entanto, o termo que designa a própria mudança em si, apresenta percentagens menores: 32,0% dos inquiridos em 2008 já tinha ouvido falar de switchover digital; em 2010, essa percentagem é de 11,0%, sendo este o único termo em que houve um decréscimo de conhecimento. Estas percentagens contrastam fortemente, por exemplo, com o termo Televisão Digital Terrestre do qual, em 2008, 16,3% afirmam ter ouvido falar, contra 46,1% em 2010. Uma das razões para o desconhecimento do termo switchover digital (mesmo quando cruzado com as variáveis sócio-demográficas) pode ser o facto de este ser um anglicismo, sem um termo

⁴ Estes dados são preliminares e não se encontram, portanto, ainda, preparados para análises comparativas com anos anteriores mas apontam para uma mudança progressiva na forma como os portugueses se relacionam com a televisão, uma relação cada vez mais multifuncional e diversificada.

⁵ Este tipo de informação é particularmente sensível de transmitir, na medida em que se prende com capitais de literacia para os media muito específicos, sendo, portanto, um tipo de informação de difícil transmissão.

correspondente em português, mais utilitarista. Veja-se, por exemplo, uma grande percentagem de inquiridos sabem o que é uma Set Top Box, pela sua já imediata associação ao termo Box ou Caixa descodificadora, que é comum ao sistema TDT e aos serviços pagos por cabo ou outra tecnologia. Este foi o termo que registou o maior aumento de conhecimento relativo entre 2008 e 2010 - dos 5,3% de inquiridos que já ouviram falar para os 61,8% em 2010.

O próprio cruzamento do conhecimento destes termos com as variáveis sócio-demográficas comprova que esta questão está relacionada com a volatilidade das percepções e conhecimentos face às próprias características dos inquiridos, ou seja, a dinâmicas de literacia para os media.

As conclusões mais significativas deste relatório demonstram que os indivíduos do sexo masculino dizem ter maior grau de conhecimento sobre os termos associados à mudança promovida pela chegada da TDT do que as mulheres (Cf. Figura 13).

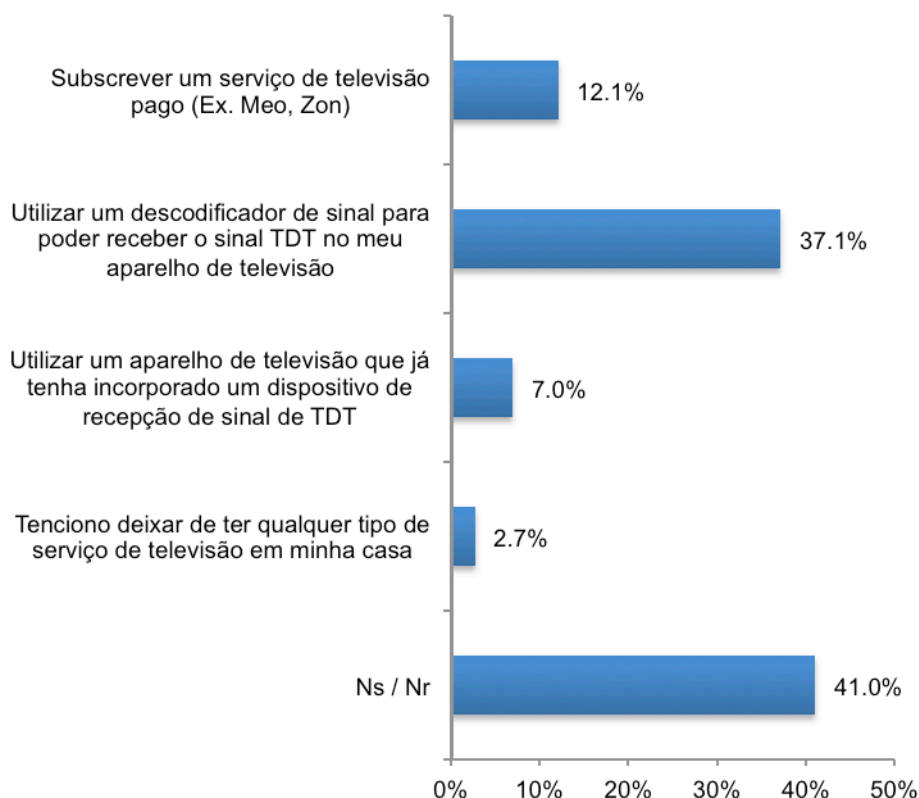
A idade é também um factor relevante, na medida em que o conhecimento relativo decresce à medida que a idade dos inquiridos aumenta. Os indivíduos mais novos (18 aos 24 anos e 25 aos 34 anos) dizem, em maior grau, já ter ouvido falar de todos os termos em análise.

A escolaridade é, também, uma variável preponderante nesta análise, na medida em que quanto maior o grau de escolaridade dos inquiridos, maior o seu conhecimento relativo face aos termos apresentados (Figura 14).

Os dados apresentados neste relatório direccionam a análise para um plano conceptual mais abrangente, que relaciona o conhecimento dos indivíduos com o seu contexto sócio-demográfico, questão que será explorada no próximos relatórios sobre a Televisão Digital Terrestre, a publicar na próxima semana. A antever a informação constante dos documentos a publicar, é possível explorar, ainda, duas outras questões que se prendem com as decisões que os portugueses terão de tomar face à mudança do sinal analógico para o digital. Relativamente às opções entre aqueles que possuem ligação por Antena (ainda não preparada para recepção do sinal digital de televisão terrestre verifica-se, pela Figura 2, que muitos não sabem ainda como irão solucionar a questão do acesso à televisão. 41,0% dos inquiridos não sabem ou não respondem, face a 37,1% que afirmam a intenção de adquirir um descodificador de sinal, entre os diversos que surgiram entretanto no mercado português. Veja-se que apenas 12,1% passarão a subscrever um serviço pago de televisão, como os oferecidos pela Zon ou pela PT (Meo). 7,0% dos inquiridos admitem adquirir um aparelho de televisão com descodificador de sinal digital incorporado, um hardware muito comum na gama de televisores actual. Note-se, ainda, que 2,7% dos inquiridos afirmam que, com a mudança do sinal analógico para

o sinal de televisão digital terrestre, irão optar por deixar de receber televisão em suas casas.

Figura 2: "O que pretende fazer tendo em conta o switch-off?, em Portugal, em 2011 (Dados preliminares)

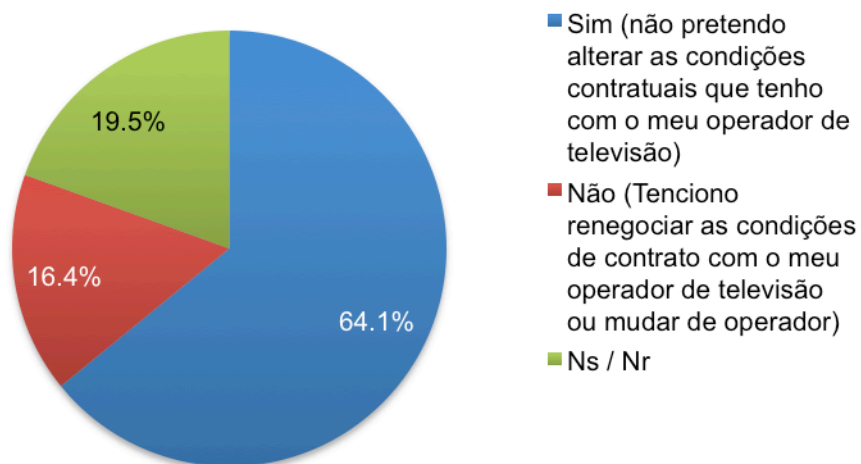


Fonte: Inquérito A sociedade em Rede 2011, OberCom (n=451, aqueles que possuem sinal analógico de televisão)

Relativamente aos que já subscrevem um serviço de televisão pago, procurámos averiguar se a mudança do sinal analógico para o digital iria influenciar de alguma forma as suas intenções de manter o formato dos vínculos contratuais com os operadores. Observando a Figura 3, verifica-se que 64,1% dos inquiridos tencionam as condições contratuais que mantêm com os seus operadores de televisão, contra 16,4% que afirmam a intenção de renegociar as condições do contrato.

Veja-se que a percentagem de inquiridos que pretendem renegociar as condições é menor que os 19,5 pontos percentuais, correspondentes àqueles que não sabem / não respondem, o que aponta, ainda para um relativo desconhecimento face ao processo de mudança do sinal analógico para o digital, mesmo entre aqueles que não serão tecnicamente afectados pelo switch-off.

Figura 3: "Tenciona manter as condições contratuais que mantém com o seu operador de televisão paga, tendo em conta o switch-off?" em Portugal, em 2011 (Dados preliminares)



Fonte: Inquérito A Sociedade em Rede 2011, OberCom (n=779, aqueles que subscrevem um serviço pago de televisão)

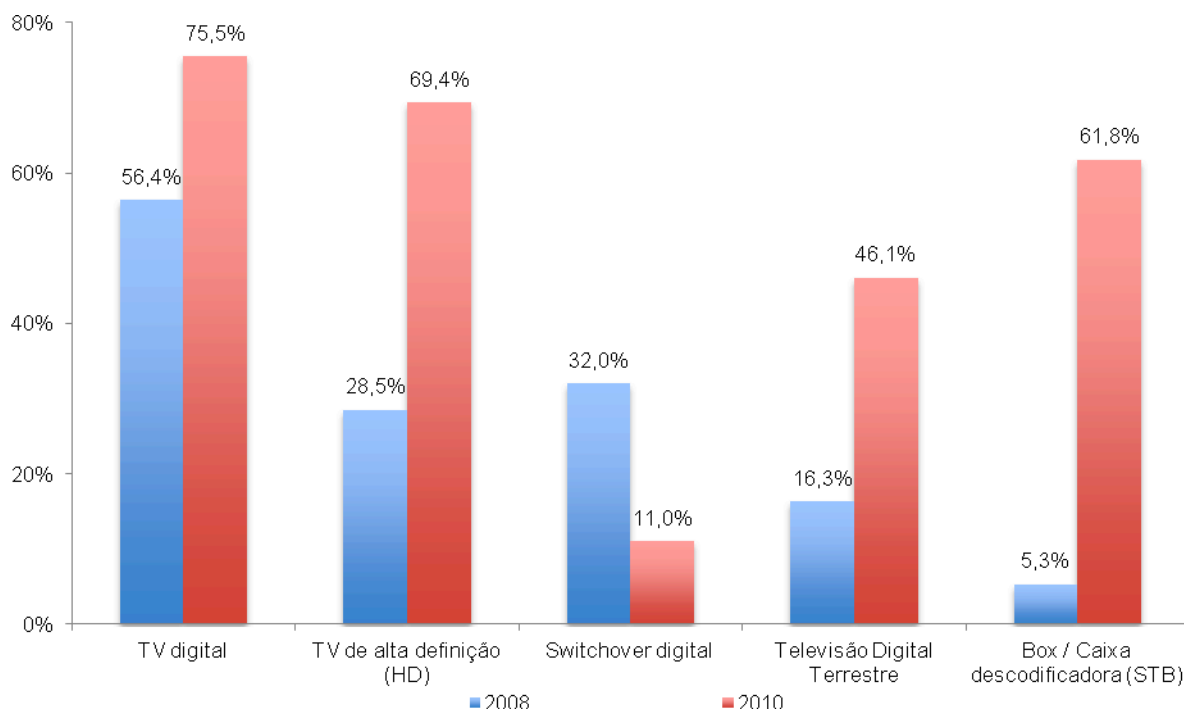
O switch-off, quer pela complexidade do processo em si, quer pela rapidez com que foi implementada em Portugal, é talvez a mudança tecnológica comunicacional mais significativa que ocorreu nos últimos anos, na medida em que é uma transformação significativa do quotidiano televisivo dos Portugueses, não só em termos de qualidade da recepção mas, também, em termos de exigência, conhecimento e literacias para os media, questão bem patente neste relatório.

Percepções sobre a TDT em Portugal: o que sabem os portugueses sobre os termos tecnológicos associados à TDT?

Compreender o processo de switchover para o sinal de Televisão Digital Terrestre implica dominar uma série de conceitos que passam a fazer parte da forma como os indivíduos se relacionam com a televisão enquanto componente de hardware. Os termos analisados neste capítulo serão pensados tendo em conta, em primeiro lugar, uma comparação do conhecimento relativo das pessoas em 2008 e 2010. Os termos fundamentais são: TV digital, TV de alta definição (HD), switchover digital, Televisão Digital Terrestre e Box / Caixa decodificadora (STB - Set Top Box). Note-se que o próprio facto de os inquiridos terem ouvido falar destes termos pode ser revelador do resultado das iniciativas de divulgação do processo de switchover digital.

Uma comparação das mesmas questões, colocadas em 2008 e 2010 apontam tendências positivas de conhecimento por parte dos portugueses (Cf. Figura 4).

Figura 4: "Já ouviu falar de..." comparação 2008 / 2010

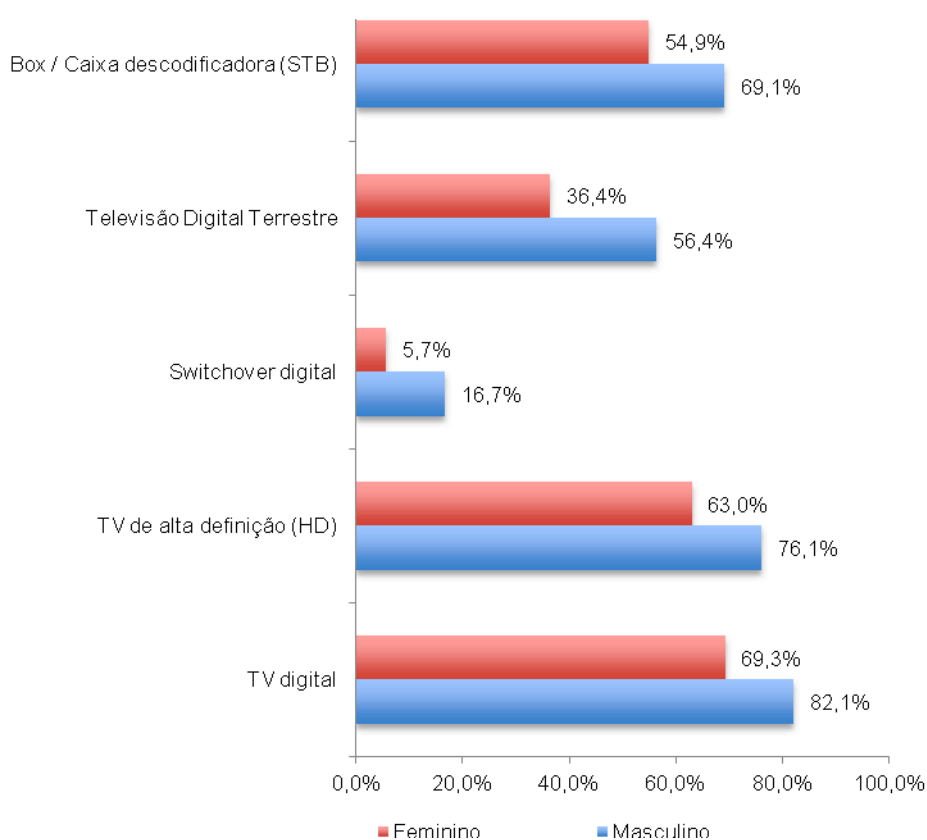


Fonte: Inquéritos *A Televisão Digital Terrestre em Portugal 2008* (n=1041) e ADOPT-DTV, Inquérito quantitativo, Dezembro de 2010

Verifica-se uma evolução positiva na percentagem de inquiridos que já ouviu falar dos termos em análise, entre 2008 e 2010. Uma evolução de 19,1 pontos percentuais entre aqueles que já ouviram falar de TV digital (dos 56,4% em 2008 para os 75,5% em 2010; de 40,9% entre os que já ouviram falar de televisão em formato HD (dos 28,5 para os 69,4 pontos percentuais); dos 16,3% para os 46,1% entre os que já ouviram falar do termo Televisão Digital Terrestre e uma subida muito significativa, dos 5,3% para os 61,8% entre os que já ouviram falar do termo Box / Caixa decodificadora (Set Top Box), entre 2008 e 2010. Veja-se, no entanto, que relativamente ao termo designa, especificamente, o processo de transição do sinal analógico para o digital, os níveis percentuais, para além de mais baixos face aos observados nos outros termos, regista uma evolução negativa de 2008 para 2010, dos 32,0 para os 11,0 pontos percentuais.

O cruzamento dos dados de 2010, obtidos no âmbito do inquérito quantitativo do projecto ADOPT-DTV, com a variável género revela uma tendência geral muito significativa (Cf. Figura 5).

Figura 5: "Já ouviu falar de..." em 2010, por género

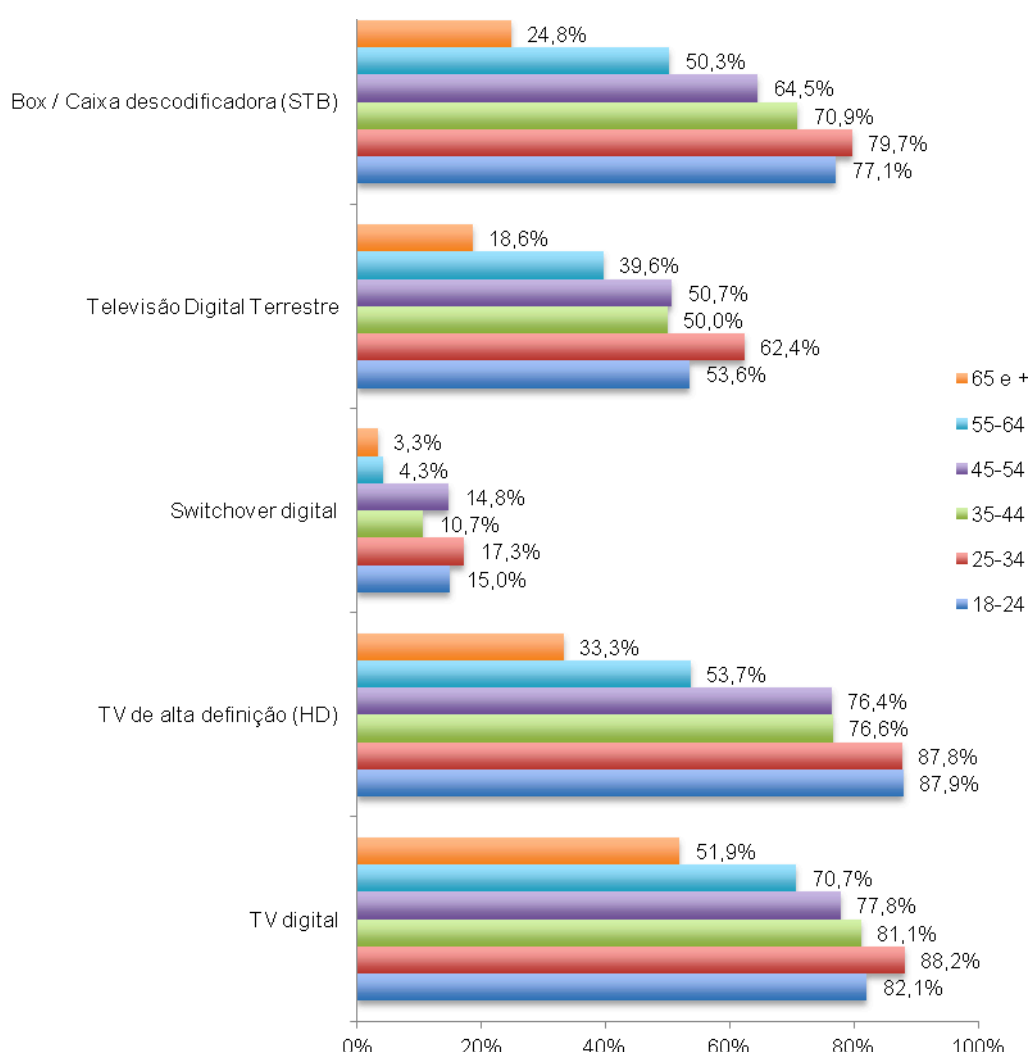


Fonte: ADOPT-DTV, Inquérito quantitativo, Dezembro de 2010

Os inquiridos do sexo masculino são os que mais ouviram falar dos termos em análise, com percentagens maioritárias em todos eles. O termo Switchover digital continua a ser o termo de que as pessoas menos ouviram falar, com percentagens 5,7% para o género feminino e 16,7% para o masculino. A maior diferença percentual regista-se no termo Televisão Digital Terrestre, uma discrepância entre géneros de 20,0 pontos percentuais, em que o género masculino regista 56,4% e o feminino apenas 36,4%.

Uma análise do conhecimento relativo destes termos em função dos escalões etários dos inquiridos permite-nos constatar, também, um padrão de regularidade (Cf. Figura 6). A percentagem de pessoas que já ouviu falar dos termos em análise é menor quanto maior o escalão etário, sendo os inquiridos com 65 e mais anos aqueles que menos ouviram falar de todos os conceitos em análise, e os inquiridos entre os 18 e os 24 anos e os 25 e os 34 anos os que mais deles ouviram falar.

Figura 6: "Já ouviu falar de..." em 2010, por escalão etário

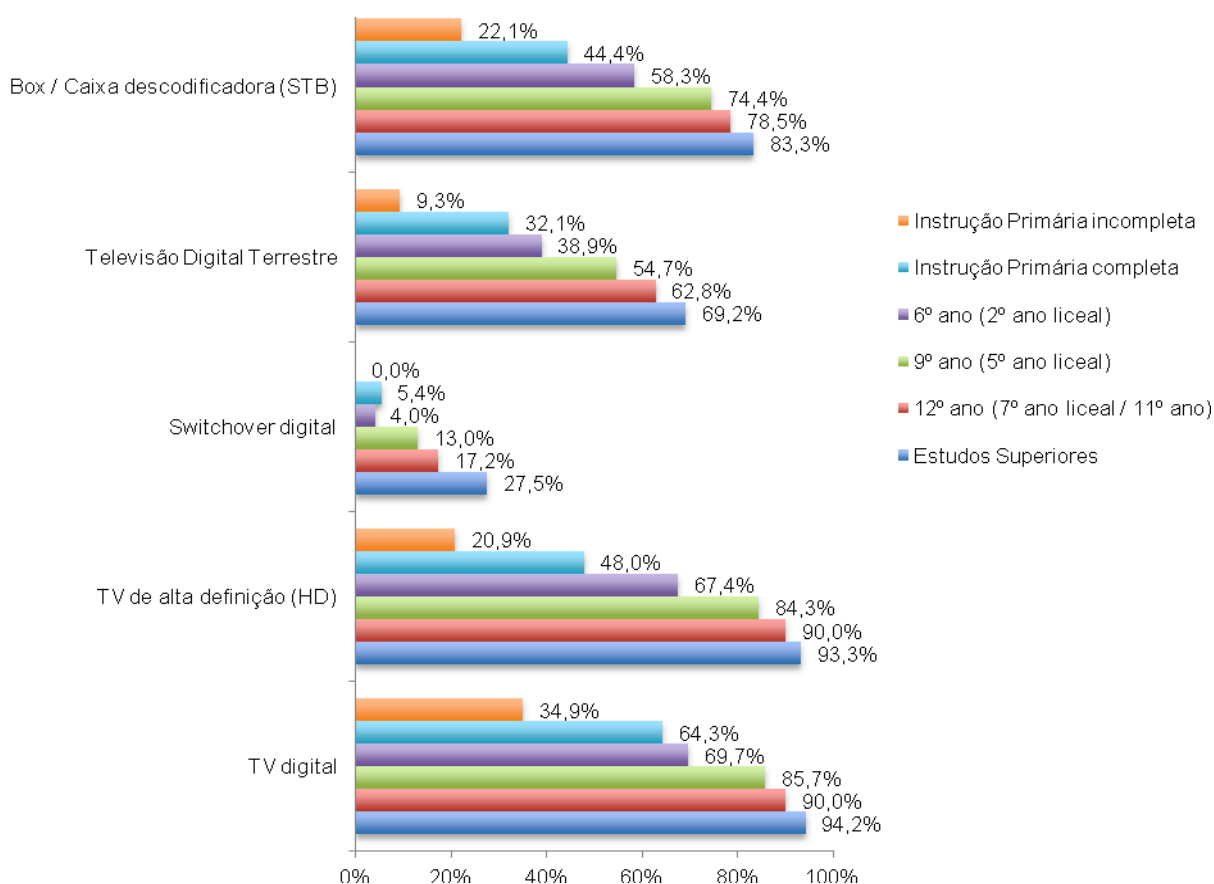


Fonte: ADOPT-DTV, Inquérito quantitativo, Dezembro de 2010

Tal como observado na Figura 5, no cruzamento com o género, o termo Switchover digital continua a ser o mais desconhecido para os portugueses, com percentagens que variam entre os 3,3% (65 e mais anos) e os 17,3% (inquiridos que têm entre 25 e 34 anos de idade). Os termos mais conhecidos pelos portugueses, de acordo com a idade, são os termos TV de alta definição (HD) e TV digital. A percentagem de inquiridos que já ouviu falar de TV de Alta Definição ascende aos 87,8% (entre os 25 e os 34 anos de idade) e aos 87,9% (entre os mais novos, entre os 18 e os 24 anos de idade). No caso da TV digital, as percentagens são, para os mesmos escalões etários, respectivamente, 88,2% e 82,1%.

A escolaridade é, também, tal como a idade, um factor significativo nesta análise. Como se pode observar na Figura 7, quanto maior a escolaridade dos indivíduos, maior a probabilidade de estes já terem ouvido falar de determinado termo associado à temática em questão. Os indivíduos com Instrução Primária incompleta são, em todas as categorias, os que menos ouviram falar dos termos: 22,1% na Box / Caixa decodificadora; 9,3% no termo Televisão Digital Terrestre; 0,0% ouviram falar no Switchover digital; 20,9% em TV de alta definição (HD) e 34,9% ouviram falar em televisão digital.

Figura 7: "Já ouviu falar de..." em 2010, por escalão etário

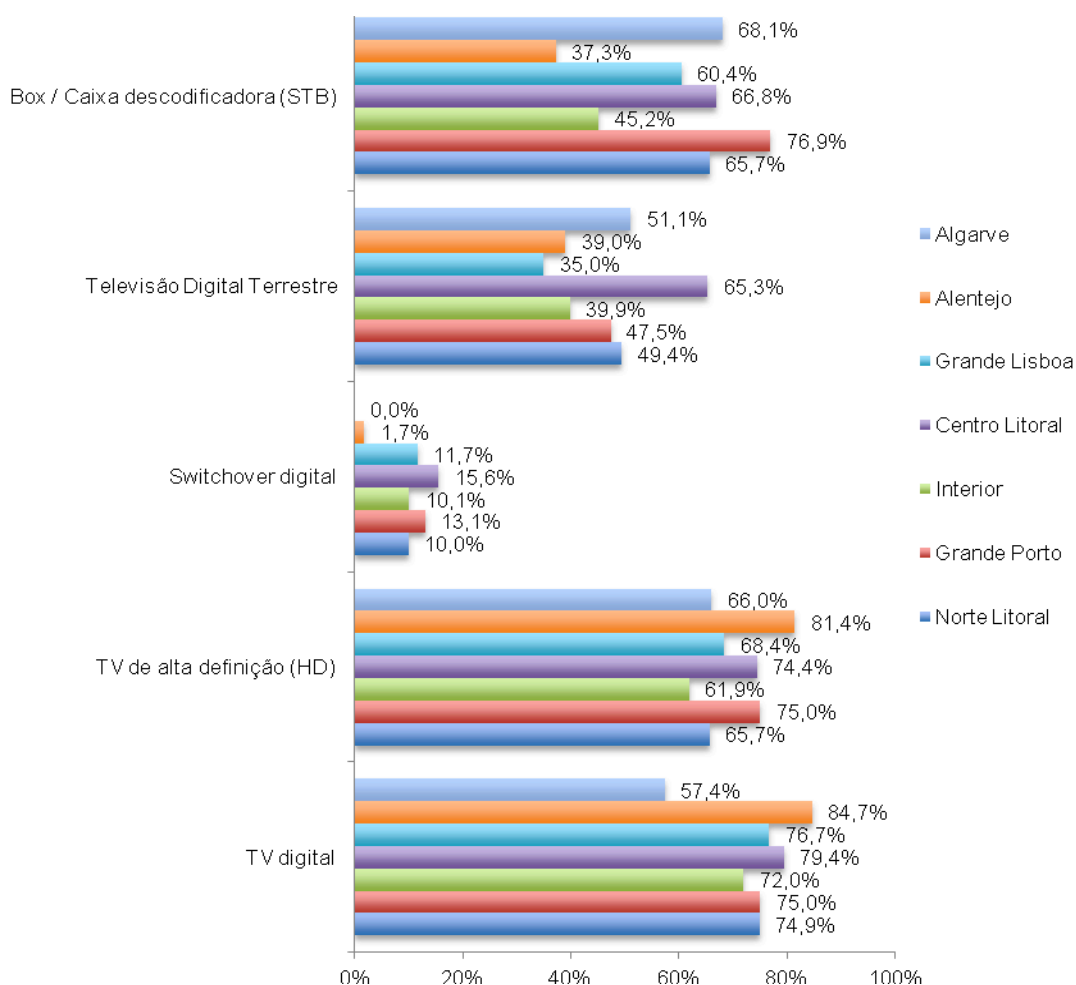


Fonte: ADOPT-DTV, Inquérito quantitativo, Dezembro de 2010

Os indivíduos com Estudos Superiores são, efectivamente, os mais informados quanto aos termos necessários para dominar a temática do processo de mudança do sinal analógico para o digital. Entre os inquiridos com este grau de escolaridade, 83,3% já ouviram falar do termos Box / Caixa decodificadora; 69,2% já ouviram falar de Televisão Digital Terrestre; 27,5% já ouviram falar de Switchover digital; 93,3% conhecem o termo TV de alta definição (HD) e 94,2% já ouviram falar de TV Digital. O termos Switchover digital subsiste como o menos conhecido, com percentagens que variam entre os 0,0% e os 27,5%.

Relativamente à região dos inquiridos (Figura 8), não existe um padrão homogéneo como nas restantes variáveis sócio-demográficas. O termos Switchover digital subsiste como o menos conhecido para os inquiridos, com percentagens que variam entre os 0,0 pontos percentuais (Algarve) e os 15,6%, no Centro Litoral.

Figura 8: "Já ouviu falar de..." em 2010, por região



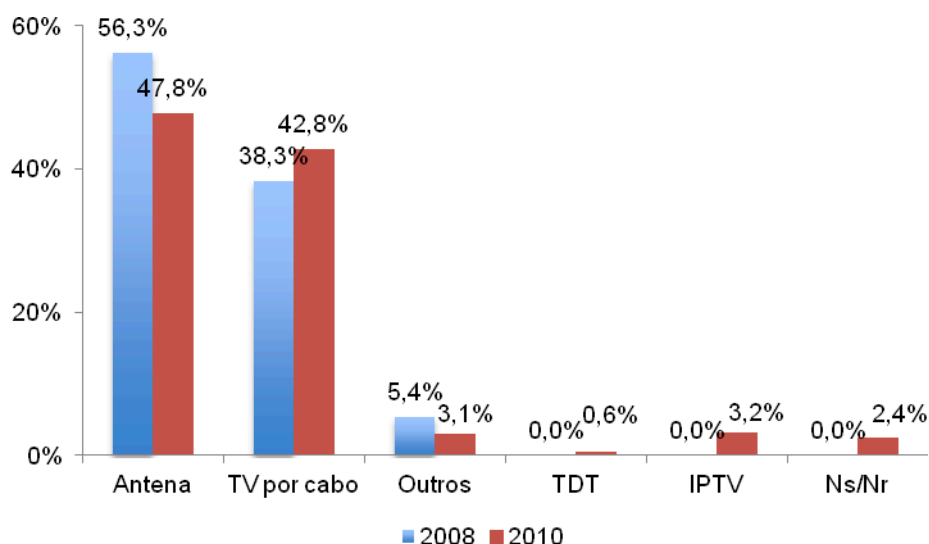
Fonte: ADOPT-DTV, Inquérito quantitativo, Dezembro de 2010

Veja-se que tanto a TV de alta definição (HD) como a TV digital são termos mais consensuais reunindo percentagens de conhecimento bastante elevadas em todas as regiões, sendo, nestas duas categorias, o Alentejo a surgir como região cujos habitantes conhecem em maior grau estes termos (com 81,4% e 84,7%, respectivamente).

O acesso de televisão em Portugal

A análise do tipo de acesso de televisão em Portugal, entre 2008 e 2010, revela alguns sentidos de mudança. A Antena analógica continua a ser a principal forma de acesso a conteúdos televisivos, apresentando, no entanto, um decréscimo na utilização de quase 10 pontos percentuais no período da comparação (dos 56,3% em 2008 para os 47,8% em 2010) (Cf. Figura 9). Nesse mesmo período verifica-se um ligeiro aumento da ligação de TV por cabo, dos 38,3 para os 42,8 pontos percentuais, o que continua a confirmar a imposição massiva da ligação por cabo na realidade televisiva portuguesa. Note-se que nos dados referentes a 2008, categorias que em 2010 se encontram discriminadas constavam da categoria Outros, categoria que, a confirmar esta situação, registou um decréscimo dos 5,4% em 2008 para os 3,1% em 2010. Formas de ligação como a TDT (0,6%) e a IPTV (3,2%) são residuais. Os dados confirmam os receios das entidades responsáveis, de que muitos portugueses irão alterar a sua ligação de televisão muito perto da data de *switchoff* do sinal analógico, ou seja, no início do mês de Janeiro de 2012.

Figura 9: Tipo de acesso de televisão em Portugal, comparação 2008 / 2010

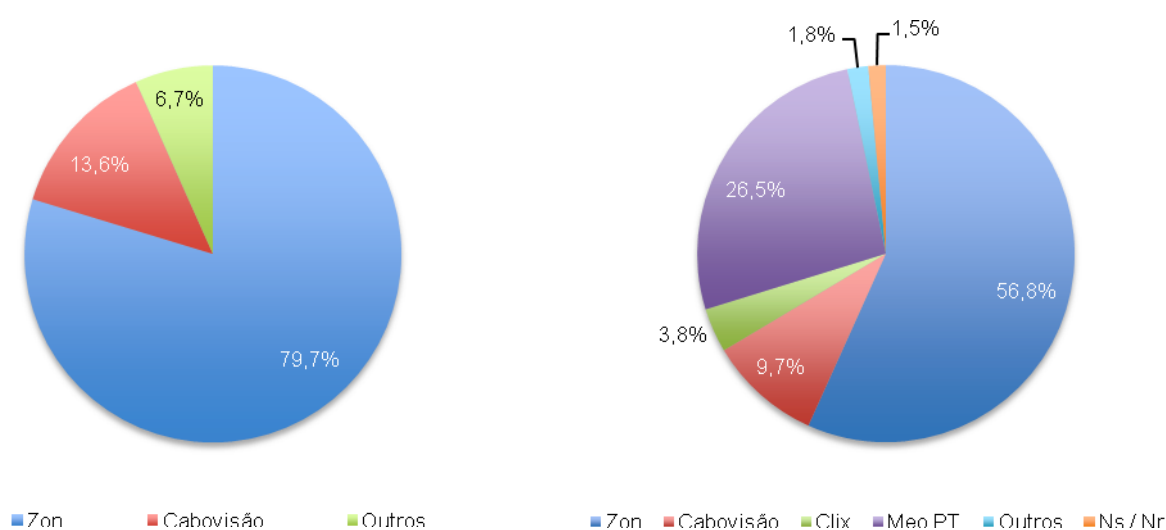


Fonte: Inquéritos *A Televisão Digital Terrestre em Portugal 2008* (n=1041) e *A Sociedade em Rede 2010* (n=1255), OberCom

A vulgarização dos serviços de televisão por subscrição de contrato (ligações pagas) é evidente, sobretudo na ascensão da população que subscreve serviços de televisão por cabo. A situação do *switchoff* do sinal analógico de televisão não passou

despercebida ao mercado concorrencial de serviços pagos de televisão, com os principais operadores a dirigirem as suas atenções para a população que terá inevitavelmente que efetuar uma mudança de hardware para continuar a possuir acesso a televisão gratuita, agora via TDT. Em muitos casos os operadores oferecem planos de subscrição de baixo custo, com pouca diversidade de conteúdos, mas insistindo fortemente nas vertentes multi-tasking dos serviços oferecidos (como os serviços multi-play, com televisão, internet e telefone fixo e / ou móvel).

Figura 10: Quota de mercado dos principais operadores de televisão, comparação 2008 / 2010



Fonte: Inquéritos *A Televisão Digital Terrestre em Portugal 2008* (n=447, aqueles que subscrevem um serviço de televisão pago) e *A Sociedade em Rede 2010* (n=611, aqueles que subscrevem um serviço de televisão pago), OberCom

Verifica-se uma mudança significativa nas quotas de mercado dos principais operadores entre 2008 e 2010. A Zon mantém-se como o operador com a maior quota de mercado mas verifica-se uma perda significativa do seu valor, de 79,7% em 2008 para 56,8% em 2010. Em diminuição encontra-se, também, a Cabovisão, a decrescer no período da análise dos 13,6 pontos percentuais para os 9,7. Uma das razões apontadas para esta alteração nas quotas de mercado pode ser a entrada no mercado de outros operadores, como a Clix (3,8% em 2010 e, sobretudo, a Meo PT, cuja expressiva afirmação lhe garantia, de acordo com o inquérito Sociedade em Rede 2010, 26,5% dos contratos por subscrição.

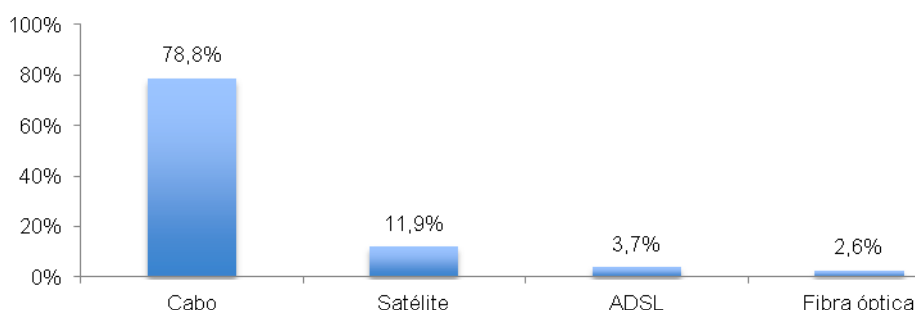
Note-se que a Cabovisão é, entre todas as operadoras analisadas na Figura 8, aquela que optou por abordar o mercado de acordo com uma estratégia diferente. Se operadoras como a Zon ou a Meo PT apostaram inicialmente numa expansão da abrangência da sua rede, com vista a abarcar todo o território nacional, a Cabovisão

apostou, desde o seu início de operação, em fazer chegar os seus serviços a regiões em que as infra-estruturas das outras operadoras não chegavam ainda. Se esta estratégia de mercado permitiu, de certa forma, que a empresa atingisse quotas de mercado expressivas, à medida que as redes das grandes operadoras chegam a essas regiões, a estratégia regional de outras operadoras vê-se confrontada com parâmetros concorrenciais mais agressivos.

Relativamente à realidade do mercado português em 2011, dados da GFK Metris (estudo *TDT e o serviço de televisão por subscrição*, 3 de Outubro de 2011), mostram que as quotas de mercado correspondiam a 55,0% para a Zon, 31,0% para a Meo PT, 11,0 pontos percentuais para a empresa Cabovisão e 3,0% para outros operadores, sendo de sublinhar a ligeira descida da Zon face a 2008 e a subida da quota de mercado do operador Meo PT dos 26,5% para os 31,0% entre 2008 e 2011.

No espectro das tecnologias disponíveis entre os serviços de televisão pagos, verificava-se no final do primeiro semestre de 2011 a consistência da presença do Cabo enquanto tecnologia maioritária nos acessos de televisão em Portugal (Cf. Figura 11). Valerá a pena referir que os gráficos seguintes se baseiam na ideia dos subscritores sobre que tipos de ligação usufruem e não numa análise tecnológica sobre o que efectivamente serve o seu lar. Assim sendo, uma larga maioria considera ter ligações por cabo, mesmo quando a tecnologia em causa em uso em suas casas é o ADSL – os utilizadores demonstram muitas vezes uma fraca literacia quanto às características tecnológicas do serviço por si subscrito, utilizando uma dicotomia para os serviços pagos, entre satélite e cabos (sejam eles fibra, ADSL via ligação telefone fixo, ou cabo coaxial).

Figura 11: Tipo de serviço de televisão pago em 2010



Fonte: ADOPT-DTV, Inquérito quantitativo, Dezembro de 2010
(n=655, aqueles que subscrevem um serviço de televisão pago)

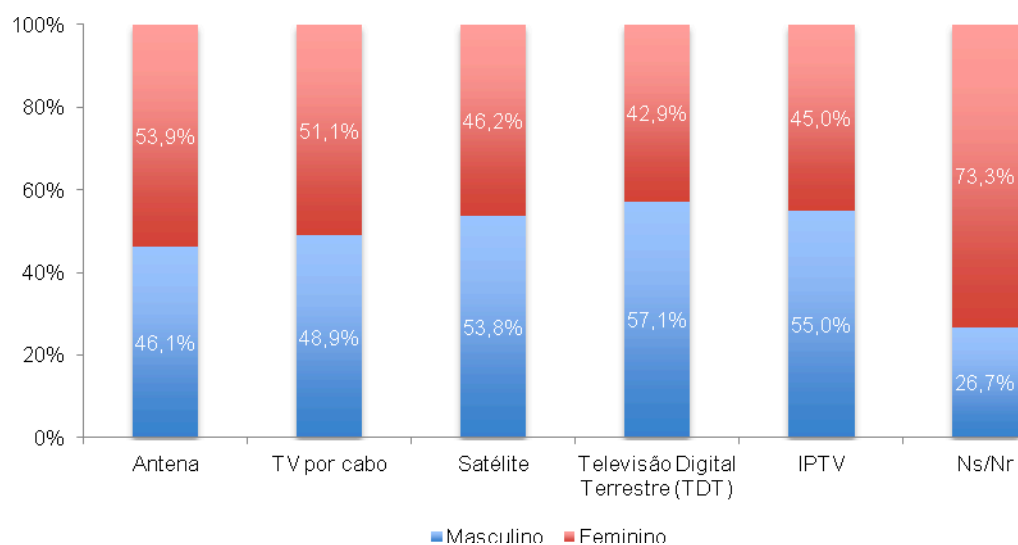
Em Dezembro de 2010, 78,8% dos inquiridos no âmbito do inquérito quantitativo ADOPT-DTV afirmam subscrever um serviço de televisão por cabo, sendo que apenas

2,6% subscrevem os mais recentes serviços de fibra óptica, disponíveis em todas as operadoras. 11,9% dos inquiridos possuem uma ligação televisiva por satélite e percentagem residual (2,9%) considera receber televisão via ADSL.

Cruzando os dados acima apresentados, relativos a 2010, com as variáveis sócio-demográficas, é possível tirar algumas conclusões relevantes para a análise.

Relativamente ao género, é de salientar o relativo equilíbrio no tipo de acesso televisivo que os inquiridos possuem nas suas casas. A posse maioritária de ligações por Antena e Cabo diz respeito ao sexo feminino, com 53,9% e 51,1%, respectivamente, contra 46,1% e 48,9% no género masculino (Cf. Figura 12). No caso da ligação por Satélite, TDT e IPTV o género masculino é maioritário e é de sublinhar que a maior diferença entre género se encontra claramente na categoria "Não sei / Não respondo" que contrapõe 73,3% de inquirido do género feminino contra 26,7% do género masculino sendo, portanto, os inquiridos do género feminino aqueles que menos sabem ou não respondem qual o tipo de acesso televisivo que possuem em casa.

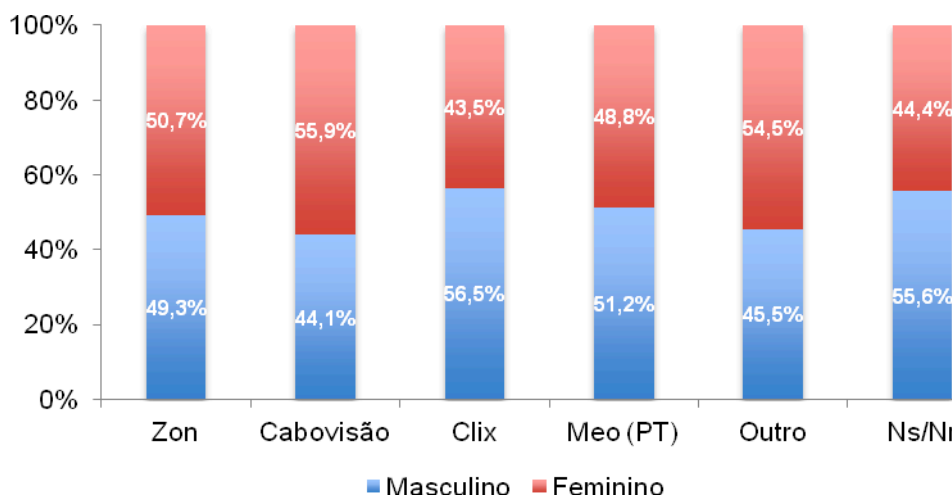
Figura 12: Tipo de acesso de televisão em Portugal, em 2010, por género



Fonte: A Sociedade em Rede 2010 (n=1255), OberCom.

Analisando a Figura 13, subsiste uma relativa regularidade relativamente ao género também na distribuição dos inquiridos pelos diferentes operadores de televisão pagos. A maior diferença é de 13,0 pontos percentuais, apenas, nos inquiridos que possuem Clix (56,5% do sexo masculino e 43,5% do feminino).

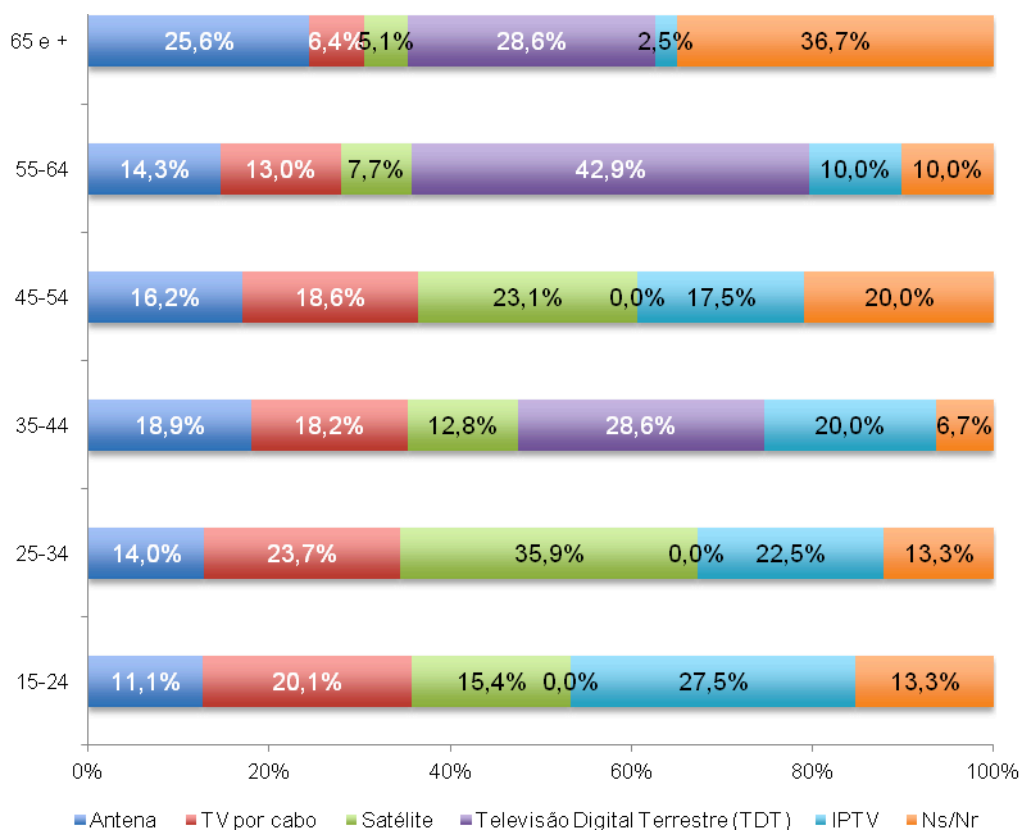
Figura 13: Operador de televisão pago em Portugal, em 2010, por género



Fonte: Inquérito A Sociedade em Rede 2010 (n=611, aqueles que subscrevem um serviço de televisão pago), OberCom

A distribuição mais regular diz respeito ao operador Meo (PT), com uma diferença de apenas 2,4% (51,2% no género masculino e 48,8% no feminino).

Figura 14: Tipo de acesso de televisão em Portugal, em 2010, por escalão etário

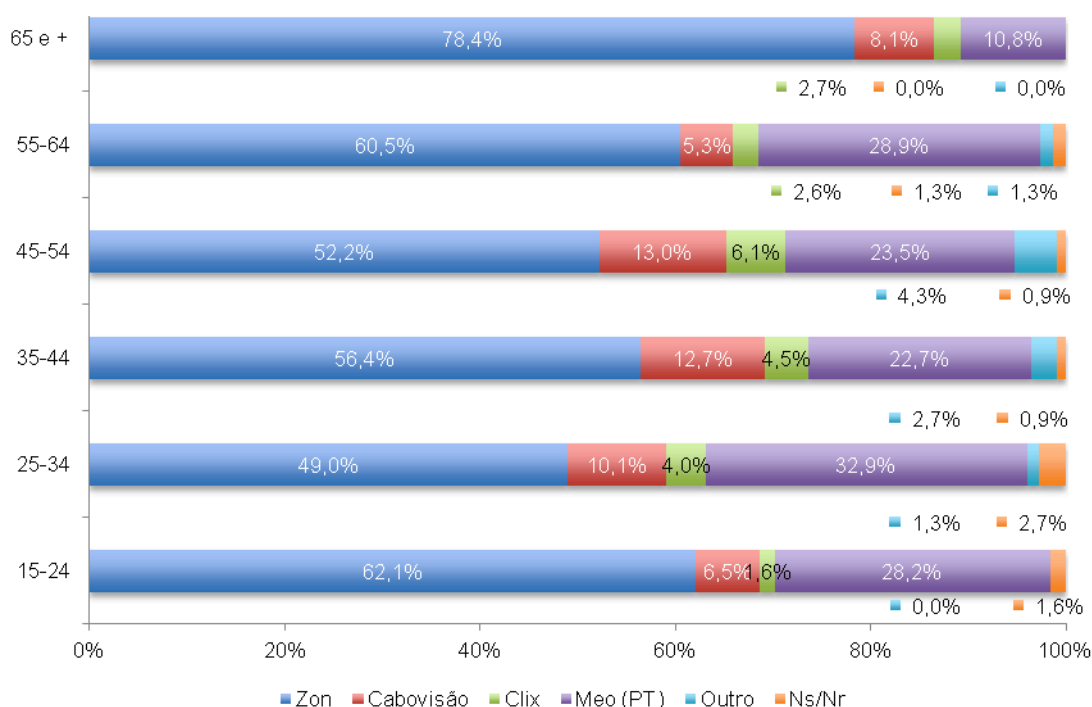


Fonte: A Sociedade em Rede 2010 (n=1255), OberCom.

Cruzando o tipo de acesso de televisão em Portugal, em 2010, com a idade dos inquiridos (Cf. Figura 14), há um valor que surge em destaque: a maior percentagem de inquiridos com ligação de Televisão Digital Terrestre diz respeito aos indivíduos que têm entre 55 e 64 anos de idade (42,9% dos inquiridos nesse intervalo etário). Os únicos escalões em que a TDT têm qualquer peso é nos inquiridos com 65 e mais anos (28,6%) e nos que têm entre 35 e 44 anos (também 28,6 pontos percentuais).

A distribuição mais regular diz respeito aos inquiridos compreendidos no intervalo etário 45 - 54 anos de idade: 16,2% com ligação por Antena, 18,6% com TV por cabo, 23,1% ligados por Satélite, 17,5% via IPTV e 20,0% que não sabem ou não respondem. Veja-se que não se verifica, neste intervalo etário, qualquer ocorrência para a TDT. Entre os indivíduos que menos respondem ou que menos sabem que tipo de ligação possuem estão os inquiridos com 65 e mais anos. 36,7% destes não respondem ou não sabem que tipo de ligação têm. O cruzamento da idade com os dados de subscrição de contratos de televisão com operadores privados revelam que a Zon é o operador com maior incidência entre os inquiridos mais velhos (78,4% dos inquiridos com 65 e mais anos), sendo esta a percentagem mais elevada entre todas as categorias em todos os escalões etários. A Zon é obtém, em todos os escalões etários, percentagens maioritárias, pista que tinha sido deixada aquando da análise da Figura 10, não descendo abaixo dos 49,0 pontos percentuais (no escalão etário 25 - 34 anos).

Figura 15: Operador de televisão pago em Portugal, em 2010, por escalão etário

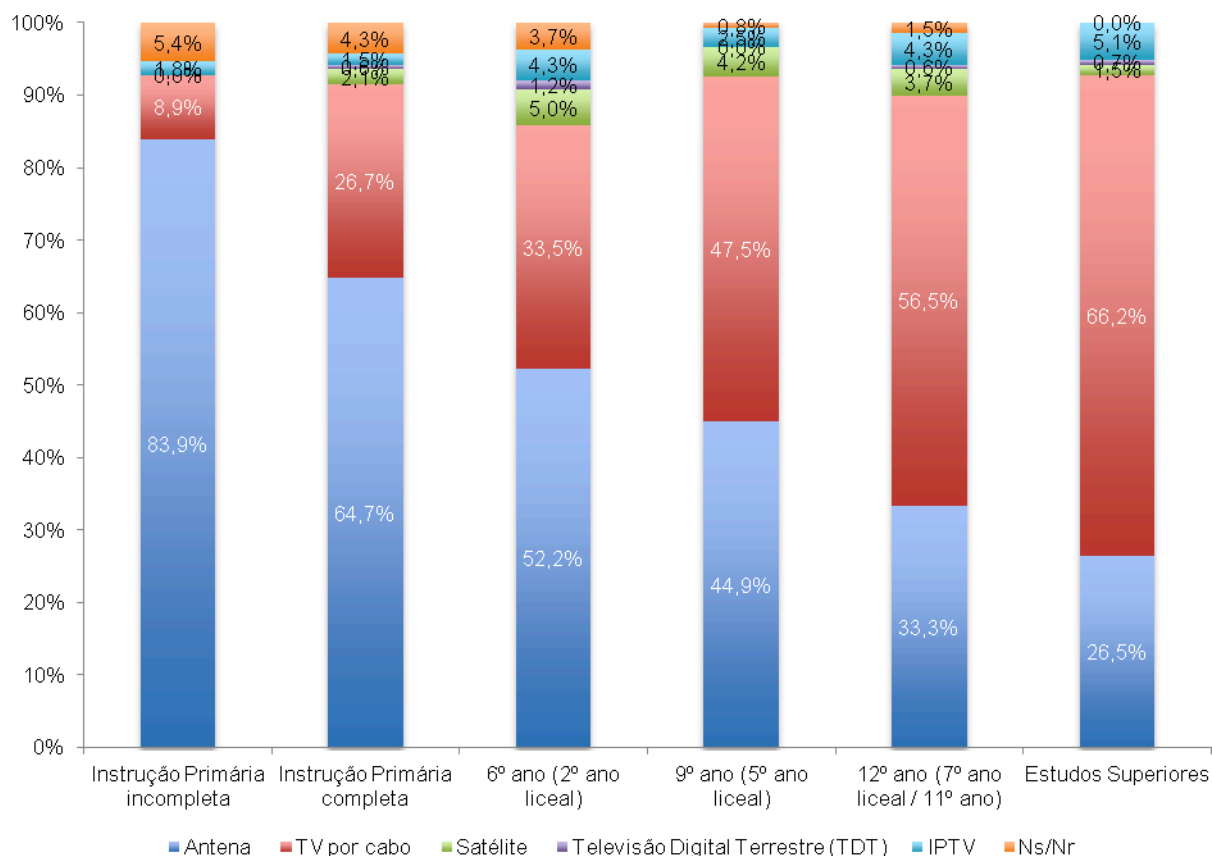


Fonte: Inquérito A Sociedade em Rede 2010 (n=611, aqueles que subscrevem um serviço de televisão pago), OberCom

O peso de mercado do operador Meo PT tem particular incidência nos escalões etários 25 - 34 anos (32,9%) e, em menor grau, no escalão 15 - 24 anos (28,2%) e 55 - 64 anos (28,9%). Os inquiridos com 65 e mais anos, aqueles mais possuem vínculo contratual com a operadora Zon são, por sua vez, os que menos possuem Meo (10,8%). É neste escalão que a Cabovisão atinge uma percentagem mais próxima do segundo maior operador, 8,1 pontos percentuais (Cf. Figura 15)

Relativamente à escolaridade, há também algumas tendências a apontar. Em primeiro lugar, parece haver uma relação sugestiva entre o tipo de ligação de televisão que os inquiridos têm em casa e a sua escolaridade. A posse de ligação por Antena decresce à medida que o grau de escolaridade aumenta: dos 83,9% na Instrução Primária incompleta até aos 26,5% nos inquiridos com Estudos superiores. Na ligação de TV por cabo verifica-se, precisamente, uma relação inversa. Quanto maior a escolaridade dos indivíduos, maior é o peso desse sub-grupo na percentagem total de posse dessa ligação (apenas 8,9% dos inquiridos com Instrução Primária incompleta possuem ligação de TV por cabo, contra 66,2% nos indivíduos com Estudos Superiores) (Cf. Figura 16).

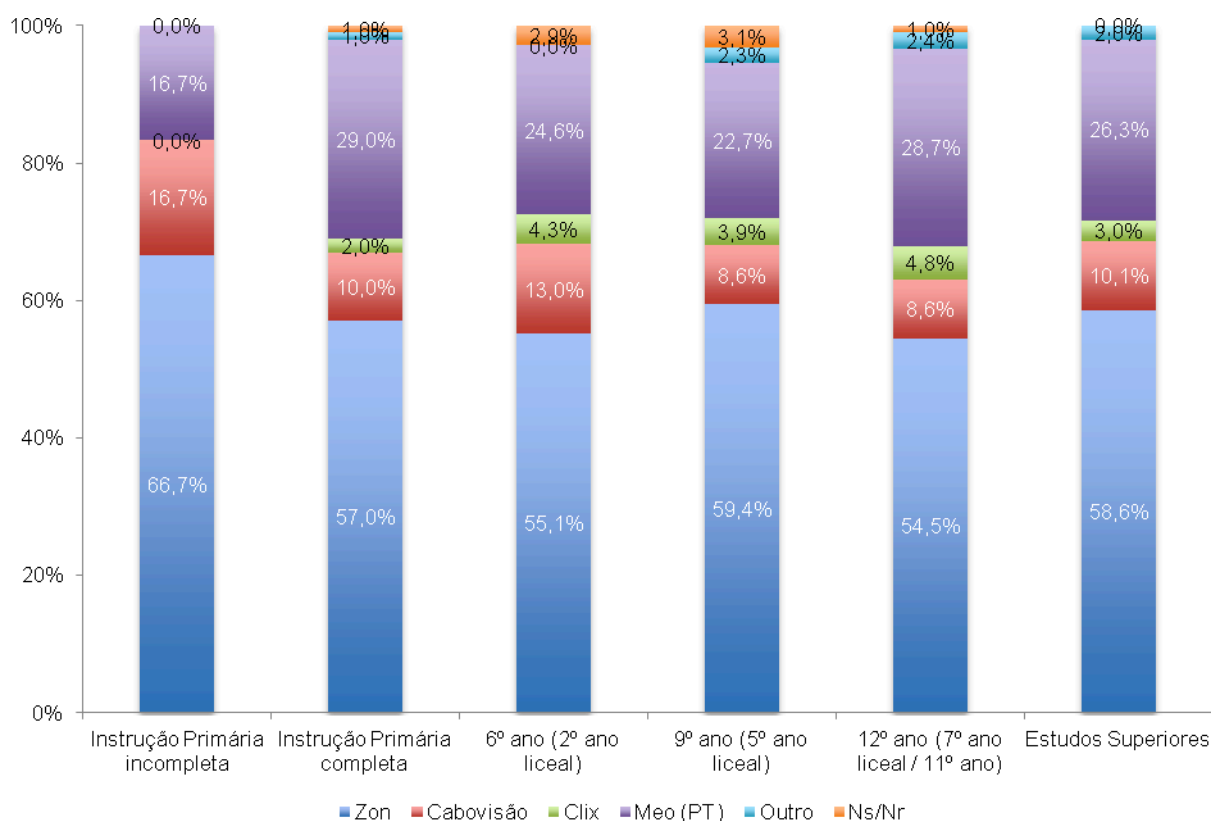
Figura 16: Tipo de acesso de Televisão em Portugal, em 2010, por grau de escolaridade



Fonte: A Sociedade em Rede 2010 (n=1255), OberCom.

Relativamente aos inquiridos com serviço pago de televisão, a tendência evidenciada pelo cruzamento com o grau de escolaridade está mais circunscrita à análise geral do indicador que a análise possibilitada pela Figura 16. Observando a Figura 17, abaixo, confirmam-se as percentagens maioritárias da Zon em todos os graus de escolaridade, sendo a mais elevada correspondente ao grau de escolaridade mais baixo (66,7% nos inquiridos com Instrução Primária incompleta) e a mais baixa aos indivíduos com 12º ano (7º ano liceal / 11º ano), fixandose nos 54,5%. A Cabovisão possui percentagens regulares ao longo de todos os graus de escolaridade, mas a sua presença é particularmente vincada nos inquiridos com Instrução Primária incompleta, onde atinge os 16,7 pontos percentuais, os mesmos que a operadora Meo PT que, nos outros graus de escolaridade, ultrapassa largamente essa operadora, com percentagens que ascendem acima dos 22,7 pontos percentuais (sendo a percentagem mais alta a que corresponde aos indivíduos com Instrução Primária completa, de 29,0%).

Figura 17: Operador de Televisão pago em Portugal, em 2010, por grau de escolaridade

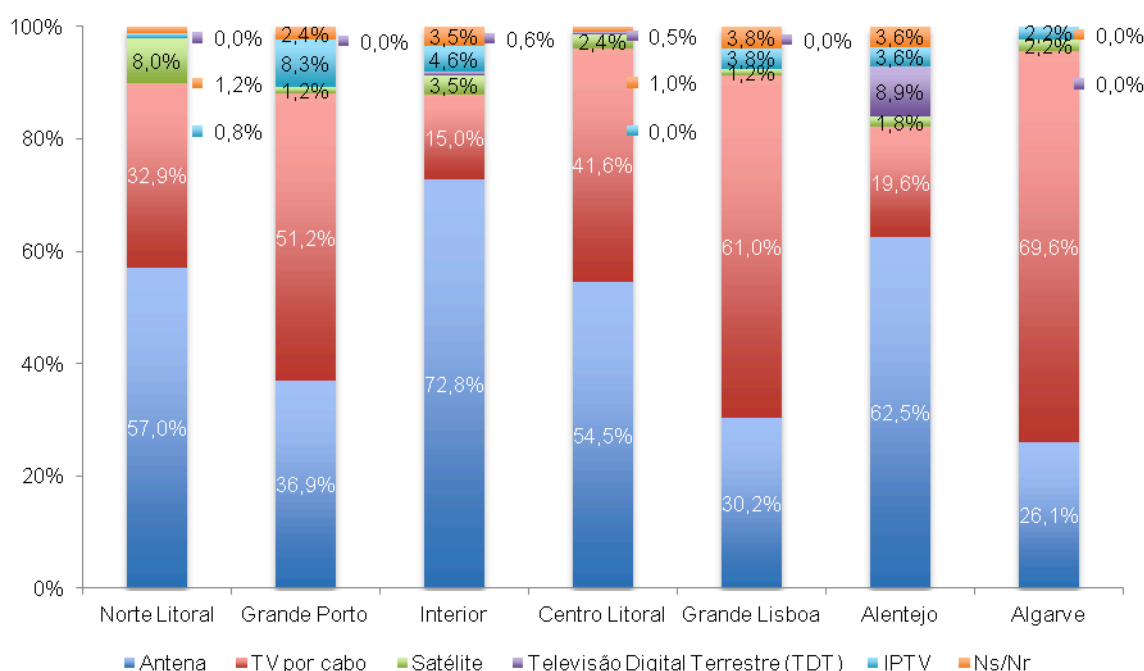


Fonte: Inquérito A Sociedade em Rede 2010 (n=611, aqueles que subscrevem um serviço de televisão pago), OberCom

Filtrando o indicador de tipo de acesso de televisão em Portugal com a região dos inquiridos verifica-se uma tendência que permite desenhar uma tendência em Portugal.

Comparando os valores percentuais correspondentes às regiões interiores, menos povoadas e as regiões onde se situam os grandes pólos urbanos, A ligação por Antena atinge percentagens maiores no Interior (72,8%) e Alentejo (62,5%), zonas onde o Cabo 15,0% e 19,6%, respectivamente (Cf. Figura 18). Esta relação inverte-se no Grande Porto e Grande Lisboa onde a presença do Cabo se revela em percentagens de 51,2 e 61,0 pontos percentuais, respectivamente, contra 36,9% (Grande Porto) e 30,2% (Grande Lisboa) na ligação por Antena. Sublinhe-se também o expressivo peso da Televisão Digital Terrestre no Alentejo, 8,9%, valor explicado pelo facto de esta ter sido a região escolhida para iniciar o processo de mudança do sinal analógico para o sinal digital de televisão terrestre. A presença da TDT é, de resto, muito residual nas outras regiões, de acordo com o inquérito Sociedade em Rede 2010.

Figura 18: Tipo de acesso de televisão em Portugal, em 2010, por região

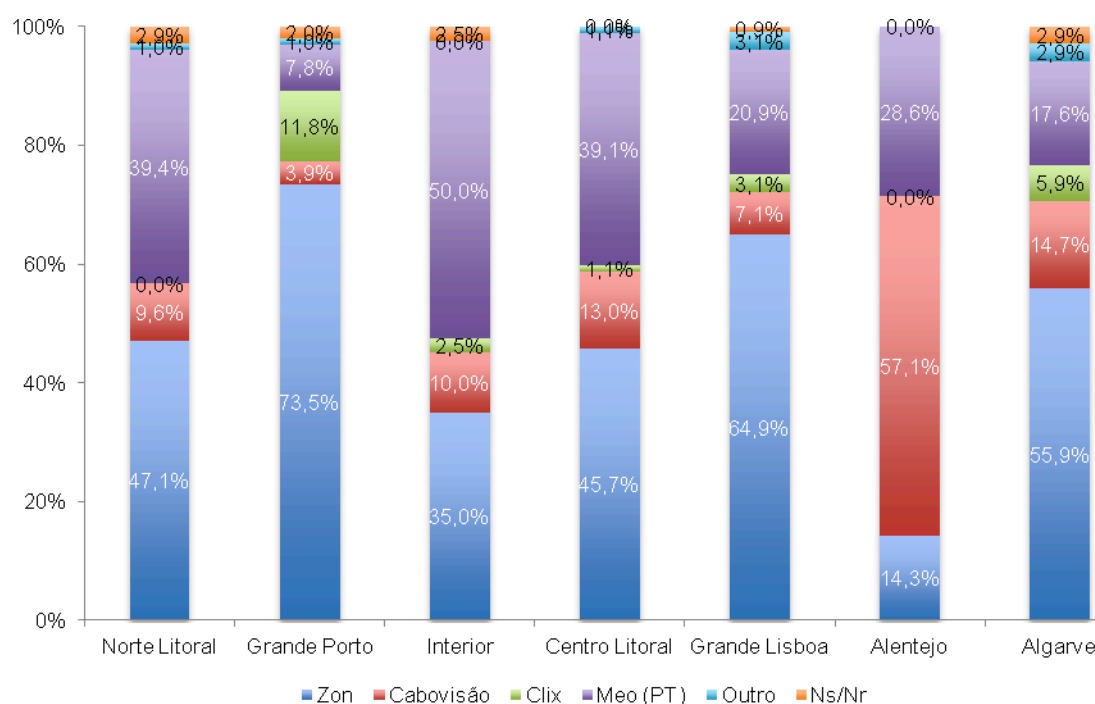


Fonte: A Sociedade em Rede 2010 (n=1255), OberCom.

Cruzando, por último, o operador pago de televisão com a região dos inquiridos, há algumas conclusões a retirar. A inclusão da variável região enriquece significativamente a análise. Em 2010, ainda é possível verificar o peso da forte aposta da operador Cabovisão na região do Alentejo, onde ainda atinge 57,1% das ligações pagas de televisão, contra 28,6% da Meo PT e apenas 14,3% da Zon. Esta última atinge percentagens expressivas nas regiões mais urbanizadas do litoral: Grande Porto, com 73,5%, Grande Lisboa, com 64,9% pontos percentuais e Algarve, com 55,9% das ligações pagas de televisão (Cf. Figura 19).

Veja-se que a operadora Meo PT possui precisamente metade das ligações de televisão paga na região do Interior (50,0%), e atinge valores percentuais expressivos também no Norte Litoral (39,4%), Centro Litoral (39,1%). Estes valores estão, note-se, bastante acima da média geral apresentada na Figura 3, em que esta operadora atingia, para o conjunto do país, 26,5% das ligações, contra 56,8% da Zon, empresa maioritária. É de salientar ainda o peso, ainda que residual, da Clix, que apresenta percentagens de share de mercado e 11,8% no Grande Porto, e 5,9 pontos percentuais na região do Algarve. Tal como nas figuras anteriores, a Figura 19 demonstra o peso das operadoras Zon e Meo PT no mercado nacional do serviço de televisão pago que, para além de apostarem na cobertura integral do território nacional na sua rede, começam também a investir no enriquecimento dessa rede através da diversificação de produto nas oferta, por exemplo, de fibra óptica.

Figura 19: Operador de televisão pago em Portugal, em 2010, por região



Fonte: Inquérito A Sociedade em Rede 2010 (n=611, aqueles que subscrevem um serviço de televisão pago), OberCom

A análise da relação dos portugueses com a televisão, seja ela paga ou gratuita é fundamental para uma compreensão e análise daquilo que é o seu grau de esclarecimento face à Televisão Digital Terrestre e nomenclatura associada, questão que será abordada em pormenor no capítulo precedente.

Metodologia

Inquérito Sociedade em Rede 2010

UNIVERSO:

Constituído pelos indivíduos com 15 e mais anos de idade, residentes em Portugal Continental.

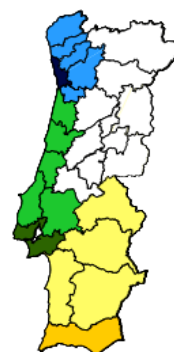
AMOSTRA:

Constituída por 1.258 entrevistas, com a seguinte distribuição, proporcional, por região GfK Metris:

RegiãoGfK Metris	Entrevistas	Legenda
Norte Litoral	251	
Grande Porto	168	
Interior	176	
Centro Litoral	209	
Grande Lisboa	344	
Alentejo	59	
Algarve	48	

Total

1.255



Os respondentes foram seleccionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruzou as variáveis Sexo, Idade, Instrução, Ocupação, Região e Habitat/Dimensão dos agregados populacionais.

RECOLHA DA INFORMAÇÃO

A informação foi recolhida através de entrevista directa e pessoal, em total privacidade, com base em questionário elaborado pela Obercom.

Os trabalhos de campo decorreram entre os dias 14 e 25 de Maio de 2010, e foram realizados por 70 entrevistadores, recrutados e treinados pela GfK, que receberam uma formação adequada às especificidades deste estudo.

A recolha incidiu nos dias úteis entre as 18H e as 22H e nos fins-de-semana durante todo o dia.

CONTROLO DE QUALIDADE

1. Em relação ao desenho do questionário, é verificado o correcto ajustamento entre os objectivos do projecto e o questionário, bem como identificadas as perguntas que respondem a cada um dos objectivos. É igualmente feita uma revisão da consistência entre as perguntas e as categorias de resposta, da sequência lógica das respostas e dos filtros.
2. Os entrevistadores têm uma formação prévia. A incorporação de novos entrevistadores não supera, em nenhum caso, mais de 25% do total das entrevistas.
3. Em cada região, as entrevistas são distribuídas por diversos entrevistadores, de forma a evitar que uma % significativa das entrevistas seja feita somente por um ou dois entrevistadores.
4. Após darem entrada no Departamento de Campo, os questionários são imediatamente revistos, sendo detectados eventuais erros de preenchimento ou ausência de informação. Caso a caso, é feita uma

avaliação dos procedimentos a adoptar, que podem ir de um novo contacto com o inquirido (obtenção da informação em falta) à simples anulação da entrevista (por exemplo se se verificar uma taxa de não resposta anormal em relação ao total das perguntas).

5. Os questionários aprovados pelo Departamento de campo são gravados em suporte informático, sendo elaborado um relatório por entrevistador com toda a informação relevante (como por exemplo, % de não resposta, cumprimento dos saltos, preenchimento de perguntas abertas, etc.), realizando-se, desta forma, o primeiro teste em relação à consistência e articulação da informação obtida. Os questionários com informação incorrecta são devolvidos ao Departamento de campo.

6. É realizada uma supervisão de cerca de 20% do trabalho de cada entrevistador através de um novo contacto directo ou telefónico com o entrevistado. Para esse efeito, utiliza-se um questionário de supervisão cuja concepção visa verificar se foram respeitadas as indicações apresentadas em relação a: local de entrevista, método de selecção do entrevistado, condições de realização da entrevista, questionário, apresentação de listas (quando existirem) e tempo de duração da entrevista.

7. Na gravação informática dos questionários, caso existam perguntas abertas, com base em cerca de 50% de transcrição destas, são elaborados os planos de codificação respectivos (para cada pergunta deste tipo), para que estas sejam codificadas de acordo com o mesmo.

8. Já com base no ficheiro global do estudo, é feita uma validação do ficheiro informático, testando-se a consistência dos dados recolhidos a dois níveis: validação dos códigos das respostas, pergunta a pergunta, e uma validação da articulação entre as perguntas (saltos e filtros), respeitando-se a estrutura do questionário utilizado. Em caso algum são feitas correcções automáticas da informação. A partir deste momento, o ficheiro informático encontra-se apto a ser tabulado e tratado com base em software concebido para o efeito.

Inquérito Sociedade em Rede 2011

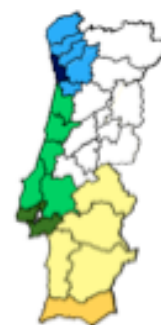
UNIVERSO:

Constituído pelos indivíduos com 15 e mais anos de idade, residentes em Portugal continental.

AMOSTRA:

Composta por **1.250** entrevistas, com a seguinte distribuição, proporcional, por região **gfk metris**:

Região GfK Metris	Entrevistas	Legenda
Norte Litoral	249	
Grande Porto	163	
Interior	174	
Centro Litoral	214	
Grande Lisboa	339	
Alentejo	61	
Algarve	50	
Total	1.250	



Os respondentes são seleccionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis sexo, idade (3 grupos), instrução (2 grupos), ocupação (2 grupos), região (7 regiões **gfk metris**) e habitat/dimensão dos agregados populacionais (5 grupos).

As quotas de ocupação são aplicadas às mulheres e as quotas de instrução foram aplicadas aos homens. tal tem a ver com o desejo de não complicar demasiado a selecção dos inquiridos e com o facto de as quotas de ocupação não serem muito relevantes para os homens (quando se tem a quota de idade) e as

quotas de instrução oferecerem normalmente uma distribuição correcta nas mulheres (quando se tem a quota de ocupação).

Assim, a partir de uma matriz inicial de região e habitat, foram seleccionados aleatoriamente um número significativo de pontos de amostragem, onde foram realizadas as entrevistas, através da aplicação das quotas acima referidas. em cada localidade, embora não existindo a aplicação do método de *random route*, existem instruções que obrigam o entrevistador a distribuir as entrevistas por toda a localidade.

O cruzamento destas variáveis garante uma distribuição proporcional da amostra em relação à população portuguesa em geral. as quotas foram definidas de acordo com estimativas da **gfk metris**, para o ano de 2006, realizadas a partir de projecções baseadas na evolução dos dados dos últimos censos.

RECOLHA DA INFORMAÇÃO:

A informação foi recolhida através de entrevista directa e pessoal, em total privacidade, com base em questionário elaborado pelo **obercom** e adaptado pela **gfk metris**.

Os trabalhos de campo decorreram entre os dias 2 e 14 de dezembro de 2011, e foram realizados por 60 entrevistadores, recrutados e treinados pela **gfk**, que receberam uma formação adequada às especificidades deste estudo.

A recolha incidiu nos dias úteis entre as 18h e as 22h e nos fins-de-semana durante todo o dia.

CONTROLOS DE QUALIDADE:

Foi realizado um controlo de qualidade, respeitando-se as seguintes etapas:

1. Em relação ao desenho do questionário, foi verificado o correcto ajustamento entre os objectivos do projecto e o questionário, bem como identificadas as perguntas que respondem a cada um dos objectivos. Foi igualmente feita uma revisão da consistência entre as perguntas e as categorias de resposta, da sequência lógica das respostas e dos filtros.
2. Os entrevistadores tiveram formação prévia. A incorporação de novos entrevistadores não superou, em nenhum caso, mais de 25% do total das entrevistas.
3. As entrevistas foram distribuídas por diversos entrevistadores, de forma a evitar que uma % significativa das entrevistas fosse feita somente por um ou dois entrevistadores.
4. Após darem entrada no departamento de campo, os questionários foram imediatamente revistos, com o objectivo de detectar eventuais erros de preenchimento ou ausência de informação. Caso a caso, foi feita uma avaliação dos procedimentos a adoptar, que puderam ir de um novo contacto com o inquirido (obtenção da informação em falta) à simples anulação da entrevista (por exemplo se se verificasse uma taxa de não resposta anormal em relação ao total das perguntas).
5. Foi realizada uma supervisão de cerca de 20% do trabalho de cada entrevistador através de um novo contacto directo ou telefónico com o entrevistado. Para esse efeito, utilizou-se um questionário de supervisão cuja concepção visou verificar se foram respeitadas as indicações apresentadas em relação a: local de entrevista, método de selecção do entrevistado, condições de realização da entrevista, questionário e tempo de duração da entrevista.
6. Após terem sido revistos e supervisionados, os questionários deram entrada no departamento de codificação onde foram codificados, pergunta a pergunta, realizando-se um primeiro teste em relação à consistência e articulação da informação obtida. No caso das perguntas abertas, foi feita uma transcrição de cerca de 50% das respostas, de forma a fazerem-se os planos de codificação respectivos (para cada pergunta deste tipo).
7. Depois de codificados, os questionários foram gravados em suporte informático. de seguida, já com base no ficheiro global do estudo, foi feita uma validação do ficheiro informático, testando-se a consistência dos dados recolhidos a dois níveis: validação dos códigos das respostas, pergunta a pergunta, e uma validação da articulação entre as perguntas (saltos e filtros), respeitando-se a estrutura do questionário utilizado. em caso algum foram feitas correcções automáticas da informação. a partir deste momento, o ficheiro informático ficou apto a ser tabulado e tratado com base em software concebido para o efeito.
8. O relatório final entregue ao cliente foi revisto pelo técnico responsável pelo estudo e pelo respectivo account manager.
9. Os questionários, em papel, serão guardados durante um ano.

Bibliografia

- CICANT-ULHT, *ADOPT-DTV: Barreiras à adopção da televisão digital no contexto da transição da televisão analógica para o digital em Portugal (Inquérito quantitativo, Dezembro de 2010)*. Lisboa, 2010.
- CICANT-ULHT, *ADOPT-DTV: Barreiras à adopção da televisão digital no contexto da transição da televisão analógica para o digital em Portugal (Inquérito quantitativo, Março de 2011)*. Lisboa, 2011.
- GFK Metris, *TDT e o Serviço de televisão por subscrição* (relatório desenvolvido especificamente para acções mediáticas). Lisboa, 3 de Outubro de 2011.

Ficha técnica

Título	<i>A Televisão Digital Terrestre em Portugal - Caracterização do Acesso</i>
Investigação	Miguel Paisana
Coordenação Científica	Gustavo Cardoso
Questionário "A Sociedade em Rede em Portugal 2010"	OberCom - Observatório da Comunicação



OberCom - Observatório da Comunicação
Palácio Foz - Praça dos Restauradores
1250-187 Lisboa
PORTUGAL
e-mail: obercom@obercom.pt
tel.: +351 213221319
fax: +351 213221320
<http://www.obercom.pt/>



Este trabalho está licenciado para Creative Commons
Attribution-NonCommercial 2.5 License.